

CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA

Contributions of husserlian Phenomenology for Clinical Psychology

Contribuciones de la Fenomenología husserliana para la Psicología Clínica

Thayane Cristine Amaral Oliveira

Jean Marlos Pinheiro Borba

Universidade Federal do Maranhão

Resumo

O artigo tem a intenção de apresentar algumas contribuições dos fundamentos da fenomenologia husserliana para a Psicologia Clínica. Por meio de uma crítica coerente acerca da relevância da passagem de uma atitude natural para uma atitude fenomenológica, Edmund Husserl (1859-1938) construiu um método rigoroso capaz de ser utilizado pela Filosofia, pela Psicologia e outras ciências, num combate à naturalização da vida e da consciência. A Fenomenologia foi a alternativa encontrada para apresentar os fundamentos do fazer científico não-naturalista, através do resgate da ligação intencional e intersubjetiva entre homem e o *Lebenswelt* (mundo-da-vida). Para isso, propôs o método fenomenológico como um caminho de compreensão dos fenômenos vividos, num *retorno às coisas mesmas*. Este artigo, através da abordagem qualitativa de pesquisa e do método e atitude fenomenológicos, reafirmou como a proposta husserliana auxilia a Psicologia Clínica. A discussão articula algumas noções encontradas em obras husserlianas e em comentadores que favorecem a produção científica sobre a temática em foco. Percebemos que a concepção de Psicologia Clínica perpassa uma evolução e reconstrução dos significados ao longo do tempo e, nesse sentido, a Fenomenologia ao resgatar elementos fundamentais direcionados à compreensão subjetividade humana revelou-se como um valoroso suporte teórico-metodológico para uma ação clínica do psicólogo. A Fenomenologia é a base para a Psicologia Clínica de orientação fenomenológica, partindo sempre da escuta atenta, sem *a priori*, da compreensão direta e imediata do que é vivenciado pelo homem no mundo-da-vida.

Palavras-chave: Clínica; Fenomenologia; Psicologia.

Abstract

The article intends to present some contributions of the foundations of Husserlian phenomenology for Clinical Psychology. Through a coherent critique of the relevance of the passage from a natural attitude to a phenomenological attitude, Edmund Husserl (1859-1938) constructed a rigorous method capable of being used by Philosophy, Psychology and other sciences in a struggle against the naturalization of life and conscience. Phenomenology was the alternative found to present the foundations of non-naturalistic scientific doing, through the rescue of the intentional and intersubjective link between man and the *Lebenswelt* (world-of-life). For this, he proposed the phenomenological method as a way of

understanding the lived phenomena, in a return to the things themselves. This article, through the qualitative approach of research and the phenomenological method and attitude, reaffirmed how the Husserlian proposal assists Clinical Psychology. The discussion articulates some notions found in the Husserlian work and commentators that favor the scientific production on the subject in focus. We perceive that the concept of Clinical Psychology runs through an evolution and reconstruction of meanings over time and, in this sense, the Phenomenology in rescuing fundamental elements directed to the understanding of human subjectivity proved to be a valuable theoretical and methodological support for a clinical action of the psychologist. The Phenomenology is the basis for Clinical Psychology of phenomenological orientation, always starting from attentive listening, without a priori, of the direct and immediate understanding of what is experienced by man in the world-of-life.

Keywords: Clinical; Phenomenology; Psychology.

Resumen

El artículo tiene la intención de presentar algunas contribuciones de los fundamentos de la fenomenología husserliana para la Psicología Clínica. Edmund Husserl (1859-1938) dirigió su vida para aclarar la necesidad del paso de una actitud natural hacia una actitud fenomenológica, así como para la construcción de un método riguroso capaz de ser utilizado por la Filosofía, la Psicología y otras ciencias que naturalizan -se la vida, la conciencia y fuera capaz de alejar a los priores del análisis de los fenómenos. La Fenomenología fue la alternativa encontrada para presentar los fundamentos del hacer científico no naturalista, a través del rescate del vínculo intencional e intersubjetivo entre hombre y el Lebenswelt (mundo de la vida). Para ello, propuso el método fenomenológico como un camino de comprensión de los fenómenos vividos, en un retorno a las mismas cosas. Este artículo, a través del abordaje cualitativo de investigación y del método y actitud fenomenológica, reafirmó cómo la propuesta husserliana auxilia a la Psicología Clínica. La discusión articula algunas nociones encontradas en la obra husserliana y en comentaristas que favorecen la producción científica sobre la temática en foco. Se percibe que la concepción de Psicología Clínica atraviesa una evolución y reconstrucción de los significados a lo largo del tiempo y en ese sentido la Fenomenología al rescatar elementos fundamentales dirigidos a la comprensión subjetividad humana se reveló como un valioso soporte teórico-metodológico para una acción clínica del psicólogo. La Fenomenología es la base para la Psicología Clínica de orientación fenomenológica, partiendo siempre de la escucha atenta, sin a priori, de la comprensión directa e inmediata de lo que es vivenciado por el hombre en el mundo de la vida.

Palabras clave: Clínica; Fenomenología; Psicología.

INTRODUÇÃO

O Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005), ao apresentar as várias responsabilidades do psicólogo, esclarece que é dever desse profissional desenvolver sua atuação de modo capacitado em diversos âmbitos, tais como pessoal, técnico e teórico. Essa

discussão nos indaga sobre a importância de uma ação fundamentada da ciência psicológica e de um questionamento inerente ao profissional psicólogo: a correlação teoria-prática de seu serviço, visto que a fundamentação teórica o auxilia em reflexões, análises e intervenções de qualidade, a partir de fundamentos reconhecidos na Psicologia e interligados à legislação profissional e à ética.

Nesse sentido, destaca-se uma discussão presente desde o início da construção da ciência psicológica: a busca por fundamentos teóricos capazes de alicerçar a prática do profissional psicólogo em direção a um serviço prestado de modo suficientemente qualificado.

Ligado a essa discussão, este trabalho tem como intenção central a construção e a apresentação de reflexões que contribuam para a atuação do psicólogo clínico partindo dos fundamentos da fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), especialmente pela concepção de atitude e método propostos pela Fenomenologia, que como destaca Werneck (2009)

Possibilita que o profissional lide com as diferentes pessoas reconhecendo e respeitando as singularidades e apreendendo as essências que não são acessíveis apenas pela observação racional dos fatos. Existe algo além do evento, além do que está sendo mostrado. A Fenomenologia vai além do fato ocorrido, para captar, por meio da intuição, a essência do fenômeno (p.1).

Essa intenção central, sobretudo, é fruto de algumas indagações e incômodos dos autores deste trabalho acerca dos pré-conceitos e mal entendidos existentes sobre a fundamentação fenomenológica enquanto alicerce de escuta e intervenção clínica na atuação do psicólogo clínico, questionamento que se liga à afirmação de Borba (2010) quando revela, ratificando a máxima husserliana, a seriedade e a necessidade de criar “o hábito de ‘ir à coisa mesma’, ir ao fundamento, usar a reflexão para entender o que é isso que se apresenta a consciência enquanto um fenômeno para dela poderem falar com mais propriedade” (p.96).

Assim, entendemos a relevância da discussão dos fundamentos husserlianos frente à ausência de conhecimento dos princípios fenomenológicos para caminhos de compreensão e, conseqüentemente, se configurar uma visão mais cuidadosa e rigorosa sobre o conhecimento fenomenológico e de modo especial sua “aplicação” na Psicologia Clínica.

É válido destacar que embora Husserl, criador da Fenomenologia, não tenha desenvolvido uma atuação clínica, as discussões trazidas em suas obras nos trazem elementos direcionados à compreensão da Psicologia enquanto ciência da subjetividade e da intersubjetividade que são, por sua vez, elementos presentes na clínica de orientação fenomenológica. Como nos ajuda a compreender a afirmação de Moreira (2010)

É possível afirmar, que a autêntica e genuína concepção de psicologia fenomenológica é importante para a psicologia clínica e para a psiquiatria, porque é com o desenvolvimento desta disciplina que se poderá resgatar a subjetividade como fonte originária da vida humana e sua correlação com o *Lebenswelt* (p. 725).

Como destaca Feijoo (2010), a fenomenologia husserliana ao trazer o debate sobre os fenômenos do mundo da vida, num abandono da cisão sujeito e objeto, origina uma nova forma de compreensão acerca disso: fenomenologicamente, sujeitos e objetos correlatos são os elementos que constituem a consciência intencional e são com os fenômenos do mundo vivido pelo sujeito que a práxis da psicologia deve implicar-se.

Portanto, a discussão aqui desenvolvida, será direcionada a partir de algumas considerações sobre a fenomenologia e seus fundamentos encontrados nas obras husserlianas e autores que se engajam na compreensão e desenvolvimento da Fenomenologia. A explanação de alguns fundamentos husserlianos relacionados à Psicologia Clínica justifica-se já que quando se pensa numa clínica psicológica é evidente que há uma sustentação teórica que orienta a prática do profissional psicólogo. Neste caso, o método e a atitude que serão abordados na condução deste trabalho referem-se à Fenomenologia. Assim, também será desenvolvida uma breve explanação sobre a concepção de Psicologia Clínica e como a Fenomenologia pode contribuir com seus fundamentos para a prática clínica do psicólogo.

FENOMENOLOGIA: ATITUDE E MÉTODO

Para que haja uma apresentação das contribuições da fenomenologia husserliana para a Psicologia Clínica é necessário primeiramente compreender que elas são intrinsecamente relacionadas ao percurso de Edmund Husserl, criador da fenomenologia. A Fenomenologia surgiu como uma alternativa à perspectiva científico-naturalista que dominava a Filosofia, a Teoria do Conhecimento, a Pedagogia, o Direito, a Lógica e a Psicologia O domínio do naturalismo e da atitude espiritual natural afetou de modo significativo a Psicologia e a Filosofia (Husserl, 1911/1965).

A criação do método fenomenológico no fim do século XIX e início do século XX foi resultado de muitos questionamentos de Husserl, advindos de suas reflexões sobre o modo como se constituía o modelo clássico de ciência da sua época, fundado na quantificação e experimentação dos fenômenos, no controle e domínio sobre as coisas do mundo (Husserl, 1936/2008).

Segundo Guimarães (2012) Husserl conviveu com um sentimento de crise, fortalecido pela insegurança do que a ciência apresentava como fundamento, que se estendeu também à Filosofia, quando majoritariamente somente os modelos matemáticos e físicos eram suficientes para originar evidências da realidade, “aceitando e generalizando para toda a existência, seja externa ou interna, a mesma concepção de realidade efetiva, tendo como naturalização das ideias, inclusive da consciência” (Goto, 2012, p. 35). Em Husserl (1993/2009; 1976/2012) essa postura da ciência é caracterizada como *ingênua*.

Esse modo de fazer ciência em sua época levou Husserl a afirmar que a existência de problemáticas eminentemente humanas não se desvinculava do modo de condução científico da época. O significado que as ciências conferiam ao mundo, limitando-o a um conceito contaminado pelo ingênuo ver científico destas, como se ele pudesse ser reduzido “. . . a um mundo dominado por fórmulas matemáticas” (Guimarães, 2012, p. 38), tinha como consequência a tecnificação da subjetividade, a supervalorização do mundo científico em detrimento do mundo pré-científico e uma atitude natural do homem frente aos fenômenos do mundo vivido, acarretando numa visão acrítica da realidade experienciada pelas pessoas (Husserl, 1936/2008).

Contrário, portanto, a esse modo de condução, a Fenomenologia de Husserl propôs, com rigor e atenção, um novo modo de compreender o processo de conhecimento que se dá pelo sujeito em sua relação com o outro e com o mundo-da-vida. Cabe destacar que para a Fenomenologia, essas capacidades reflexivas e compreensivas do conhecimento humano não podem ser desvinculadas da noção de consciência (Ales Bello, 2004; 2006).

As operações que realizamos, tais como os atos perceptivos, volitivos, imaginativos, etc., revelam o movimento da consciência. É ela que permite a cada um de nós dar-mos conta da realidade corpórea, psíquica e espiritual. A consciência não é uma substância ou um conteúdo. (Ales Bello, 2006; Borba, 2010; Moreira, 2010; Lima, 2011).

É o movimento da intencionalidade da consciência que permite o conhecimento do homem sobre as coisas, como Husserl (1936/2008) afirma que a intencionalidade é a consciência que só existe por ser consciência de alguma coisa. A consciência desde os estudos de Franz Lemes Brentano (1838-1917) se ratifica como ‘consciência de algo’, como ato dirigido a um conteúdo. O que fez Titchener (2010) reafirmar citando Brentano: “É verdade que nunca temos ato sem conteúdo” (p. 99).

Como consequência, Husserl estabelece uma forma de abordagem da consciência distinta dos métodos de sua época, definindo como princípio do método fenomenológico *fixar a atenção nas coisas mesmas*. Para tanto, Husserl (1936/2008) desenvolveu em seus estudos uma direção para alcançar o que definirá como central para a fenomenologia: o retorno às coisas mesmas. Segundo ele, ao homem é possível a compreensão do sentido dos fenômenos que se mostram.

Mas, para chegar ao fundamento das coisas afirma Ales Bello (2006) “devemos fazer uma série de operações, pois nem sempre compreendemos tudo imediatamente que consiste em identificar o sentido, os fenômenos, de tudo aquilo que se manifesta a nós” (p. 19). Em fenomenologia isso se alcança através do método fenomenológico que

Convida-nos, portanto, para uma clarificação do que há de mais fundamental na coisa sobre a qual retornamos, deslocando-nos a atenção dos fatos contingentes para o seu sentido originário indissociável de uma intencionalidade, consolidando, com isso, uma espécie de ‘conversão filosófica’ que nos faz passar de uma visão ingênua do mundo para o ‘puro ver’ das coisas, no qual o mundo se revela em sua totalidade como *fenômeno* (Tourinho, 2011, p. 131).

Não podemos deixar de destacar que a Fenomenologia, de acordo com Husserl (1936/2008), caracteriza-se não apenas como método, mas também como atitude, pois ela é “uma atitude e não um método propriamente dito. Como atitude, o pensar fenomenológico visa a descobertas dos sentidos e significados dos objetos, independentes das categorias explicativas” (Guimarães, 2010, p. 15).

Esse desvelamento dos sentidos e significados por meio do método fenomenológico se alcança através de um exercício rigoroso de descrição, que na Fenomenologia é uma rejeição de uma atitude introspectiva ou solitária de quem descreve, pois a descrição fenomenológica se dá através do movimento intencional da consciência, que se dirige a algo, em seu caráter intersubjetivo (Lima, 2011).

É como afirma Ales Bello (2014) ao construir implicações de uma antropologia filosófico-fenomenológica. Segundo a autora, a elaboração de uma concepção do que é “intrapessoal” e “interpessoal” é um discurso necessário, pois ao mesmo tempo que fala de um processo que “clama” por uma reflexão filosófica, também se mostra como algo inerente ao que chamamos de um exercício regressivo do método fenomenológico, entendido como um percurso que busca do dado revelar a origem do fenômeno.

No entanto, para descrever os fenômenos e percebê-los em seu ver direto, Husserl (1936/2008) propõe uma atitude diferente da atitude natural/ingênua. Essa nova forma de compreensão se insere numa nova postura, onde teorias psicológicas ou científicas são colocadas *entre parênteses*, para o desvelamento do vivido em sua manifestação originária (Borba, 2010).

O convite da fenomenologia, portanto, nos estimula a conhecer a ontologia referente ao mundo da vida, o *Lebenswelt*, o mundo que nos constitui e que é “a fonte do sentido dos conceitos” (Husserl, 1936/2008, p. 43) e “o âmbito de nossas originárias ‘formações de sentido’, do qual nascem as ciências” (Husserl, 1936/2008, p. 45). Nesse

sentido, enxergar ciência e mundo da vida como pontos separatistas inviabiliza a construção dos conhecimentos interligados à subjetividade humana.

Cabe então uma reformulação do caminho percorrido para a compreensão dos fenômenos do mundo vivido pelo humano. Dantas (2014) e Borba (2010) concordam com Husserl (1936/2008) ao defender a valorização e um resgate ao mundo da vida como um elemento essencial para a compreensão da subjetividade.

Assim, revela Borba (2010), “a máxima de Husserl ‘voltar às coisas’ mesmas, promovendo uma redução, não no sentido de reduzir, mas de reconduzir ao sentido fundante, o fundamento” (p.108) desenvolve-se como uma proposta rigorosa de abandono de atitudes ingênuas e naturalizadas frente ao mundo da vida, o que, conseqüentemente, implica numa ação mais cuidadosa da ciência psicológica. Além disso, conforme destacam Goto (2008) e Peres (2013), a fenomenologia tem uma importante função para a psicologia. Ela pode ajudá-la no fundamento e esclarecimento dos conceitos da psicologia, já que esta muitas vezes é enraizada em pressupostos dogmáticos, decorrentes de uma orientação natural. O cuidado da fenomenologia realça a importância

De se bem delimitar os domínios científicos para que não haja reduções epistemológicas – do domínio psicológico ao natural; ou do domínio espiritual ao psicológico e ao natural; ou até mesmo do domínio natural ao psicológico e espiritual. As disciplinas devem ser autônomas, porém complementares (Cardoso; Massimi, 2013, p. 76).

FENOMENOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA: CONTRIBUIÇÕES DOS FUNDAMENTOS DA FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA

Sem sombras de dúvidas, as concepções atribuídas à Psicologia Clínica sempre perpassam e perpassarão o momento e contextos históricos vividos pela ciência psicológica (Gomes; Castro, 2010). Embora não tenhamos a intenção de apresentar todas as concepções nesta discussão, é válido apontar que essa construção dos significados da Psicologia Clínica interliga-se diretamente a esses movimentos de desconstrução, reformulação e ampliação ao longo do tempo. Como afirmam Trull e Prinstein (2005/2013)

A psicologia clínica é uma profissão em fluxo e construção. Embora a psicologia clínica mantenha a sua missão básica de aplicar princípios psicológicos aos problemas dos indivíduos, os métodos e o enquadramento profissional através

dos quais procura cumprir, esta missão perpassa mudanças (p. 25, tradução nossa).

Dutra (2004) corrobora com tal discussão ao apresentar que a Psicologia Clínica ao longo de seu desenvolvimento se insere num movimento de mudanças decorrentes da evolução e reformulações de significados, fazeres e saberes do psicólogo nesse campo de produção teórico-técnico da ciência psicológica. Segundo a referida autora, “na maioria das vezes, o discurso que permeia tais discussões ampara-se e fundamenta-se num entendimento da clínica identificada somente pela prática de psicoterapias de longa duração, consultório privado, etc.” (p. 382), o que revela a importância de ampliar a concepção de Psicologia Clínica.

Historicamente, o desenvolvimento da Psicologia Clínica se deu nos meados de 1850-1899, era voltada para o exame e tratamento de indivíduos que precisavam de um processo de adaptação ou ajustamento para viver na sociedade. Essa noção conduz posteriormente, na era moderna (1900-1919), a psicologia clínica a focalizar na avaliação psicológica e em trabalhos de diagnósticos, com o desenvolvimento, por exemplo, dos testes psicológicos (Trull; Prinstein, 2005/2013).

Entretanto, atualmente se insere na discussão sobre Psicologia Clínica a necessidade de entendê-la não focalizada nos tratamentos de problemas ou sintomas dos indivíduos num ambiente específico como o consultório, mas através da revisão das atividades envolvidas numa ação, escuta ou intervenção clínica, seja nas atividades de diagnóstico/avaliação, ensino, supervisão clínica, pesquisa, consulta, consultoria, áreas de prevenção (Trull; Prinstein, 2005/2013). Como afirma Dutra (2004)

não importa em que lugar ou espaço o ato clínico aconteça, seja no âmbito privado ou público, numa relação diádica, grupal ou coletiva. Este será sempre um fazer psicológico que se pautará em concepções teóricas e metodológicas que refletirão essa postura diante do sofrimento ou fenômeno psicológico que se coloca diante dele (p. 384).

Diante desta perspectiva, uma concepção que se mostra pertinente é a que apresenta Freitas (2018) e da qual mantemos apreciação por manifestar coerência com os fundamentos da proposta fenomenológica. Para a autora, muitos desafios são existentes quando pensamos acerca de ideais filosóficos para a psicologia, já que isso pode ser apenas uma adaptação dos princípios da filosofia para determinados fins do campo da psicologia. Como alternativa de combate a este possível erro que pode ser cometido, “nossa meditação toma aqui o caminho de uma construção reflexiva sobre as implicações da abordagem” para

o campo dessa ciência (Freitas, 2018, p. 53). Vivenciados em uma prática psicológica clínica, os princípios fenomenológicos extrapolam conceitos puramente normativos, mas se caracterizam como uma atitude distinta frente à mostraçãõ dos fenômenos. Esta conduçãõ indica que

A Fenomenologia, enquanto um empenho cuidadoso de pensar, não somente quer falar sobre o cuidado, mas quer, antes, falar *a partir do cuidado e com o devido cuidado* que a fenomenologia do cuidado requer. Pois seria um descuido falar sobre o cuidado, *negligenciando* a provocaçãõ de *pensar a essência e o sentido mesmo do cuidar* (Fernandes, 2011, p. 17).

Um dos princípios que remetem ao cuidado da fenomenologia, denominado *epoché* ou suspensão, é a atitude que se fundamenta na suspensão dos *a priori*, o *colocar entre parênteses* daquilo que temos enquanto juízos de valor, nossas ideias enraizadas acerca da compreensãõ do mundo e dos pré-conceitos diante dos fenômenos (Husserl, 1936/2008). Esse ato fundamental na fenomenologia contribui também para a prática da Psicologia Clínica, uma vez que é essencial ao exercício profissional do psicólogo compreender os fenômenos surgidos a partir do que é dito, sentido ou manifestado pela pessoa atendida e não pelas concepções de valor do psicólogo.

Para Ales Bello (2004), a fenomenologia e sua açãõ de um retorno às coisas mesmas direcionam o fazer psicológico a uma investigaçãõ original do vivido pela pessoa, dos seus modos de agir, de ser e de estar no mundo. É válido destacar que, conforme orientam Ales Bello (2004) e Silveira (2010), ao realizar a *epoché* o psicólogo não estará ignorando a existênciã da realidade, o que é feito é direcionar-se à possibilidade de captar a evidênciã do fenômeno por ele mesmo. Para tanto, é somente através da suspensão temporária de nossas concepções e interpretações diante do mundo que haverá uma autêntica relaçãõ de encontro e alteridade com a pessoa escutada na clínica psicológica.

Lima (2011) relata que a reduçãõ ou *epoché* constitui-se como fundamento essencial na medida em que ao conhecer a intencionalidade do sujeito, ela capacita o profissional a perceber como se dão a constituiçãõ dos atos e os fundamentos da experiênciã, sem recorrer a uma tecnicizaçãõ ou encaixe do vivido que ocasionalmente concepções teóricas podem realizar. A reduçãõ então coopera com a clínica psicológica na capacidade humana de um retorno à experiênciã e dos fundamentos que a constitui. Nessa direçãõ, a Psicologia clínica quando atenta a esse princípio tem a possibilidade de fomentar junto às pessoas um olhar de retorno às experiênciãs em suas manifestações originárias e singulares.

O processo de descrição proposto pela fenomenologia husserliana auxilia o profissional na identificação dos elementos da experiência em seus mais diversos significados, sejam eles conativos, afetivos ou cognitivos. Como afirma Moreira (2010)

... buscando clarificar temas despojados de conceitos preconcebidos, tal como aparecem. Husserl fala com frequência de descrição fenomenológica como clarificação, iluminação, no sentido de elucidar o significado do fenômeno em questão. Tendo em vista sua preocupação em tratar o fenômeno em sua totalidade e concretude, a fenomenologia se opõe ao naturalismo, ao reducionismo, ao cientificismo ou outras formas de explanação que desloquem a atenção da maneira como aparece o fenômeno em questão (p. 724).

A direção ao essencial, mostrada como princípio husserliano e steiniano, confirma a importância da tese de Husserl desde sua gênese em retornar às coisas mesmas. Para Antúnez (2012), tal exercício configura-se como um exercício de abertura através da intuição ou do que se chama de percepção espiritual. Ao se interessar pelo modo de constituição integral da pessoa humana, é bem mais possível que o psicólogo também tenha clareza sobre os distintos graus de realização das atividades daquele que fala, se expressa, se manifesta, silencia, chora e sofre diante dele.

Essa ação fenomenológica, desde a descrição ao desvelamento originário dos sentidos na clínica psicológica, porém, não se reduz a um recurso meramente técnico, mas uma atitude que se desvela por meio de um caráter vivencial e de abertura. Nas palavras do próprio Husserl (1907/2000) “A Fenomenologia – designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científica; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, fenomenologia designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica (p.46) ”.

Holanda (2014) destaca que a atitude fenomenológica na clínica se dá através de uma escuta ativa da pessoa atendida, num modo de condução atenta sobre os fenômenos que se revelam na vivência com o outro.

Esse modo atento e rigoroso do psicólogo - propiciado pelo método e atitude fenomenológicos - direciona-se através de uma atitude disponível, numa inclinação do profissional sobre o vivido do outro, como vivência empática ou entropática. A explanação sobre o tema da empatia em Husserl (1936/2008) se revela na concepção de mundo da vida como um lugar intersubjetivo, onde a comunidade humana se origina por meio de uma vivência de alteridade que revela a intersubjetividade constituinte do mundo.

O conceito de mundo da vida em fenomenologia husserliana como concorda Guimarães (2012) com Husserl (1936/2008), desvela um caráter de horizonticidade, que diz da experiência que é composta por uma totalidade, em seu caráter vivo, de abertura e que

revela que o que é o objeto “não se esgota na explicação científica, mas se amplia infinitamente na abertura de horizontes de significações articuladas no contexto referencial do mundo da vida” (Guimarães, 2012, p. 33).

O psicólogo tendo clareza da horizonticidade que compõe o mundo da vida distanciar-se-á de um modelo explicativo e mecanicista que não propicia o retorno às coisas mesmas, refém de teorias e de muros que impedem o fluxo do fenômeno e o alcance dos seus sentidos. Ele deve suspender qualquer antecipação de juízo, diagnóstico prévio ou tentativa de definir o outro como um ser doente e não como um ser livre, capaz de, no exercício contínuo da percepção de si mesmo, na relação com o mundo e com o outro, decidir quais os caminhos que deve tomar em suas escolhas existenciais.

A preocupação de Husserl quanto aos fundamentos do conhecimento e da razão também é relevante na discussão da psicologia clínica, pois no processo que se envereda a prática clínica o profissional psicólogo deve desenvolver uma ação preocupada e atenta quanto aos fundamentos das verdades, atitudes e comportamentos trazidos pela pessoa atendida. Nesta perspectiva, Carneiro (2011) sinaliza que a análise fenomenológica nos conduz para um olhar singular dos vividos, suspendendo visões “estanques pré-estabelecidas para captá-los na sua dinâmica própria” (p. 286).

Como corroboram Cardoso e Silva (2013), a atitude da fenomenologia ao propor uma nova atitude (crítica e reflexiva) diante dos fatos e do modo de colocar-se perante o mundo e os outros favorece uma ampliação e aprofundamento dos fundamentos e sentidos que embasam as ações humanas, fazendo-as “entender como se dão de fato, indagando-as a fundo e analiticamente” (p. 248).

Assim, pode-se dizer que não somente no que tange o comportamento da pessoa atendida, a ação fenomenológica permite também para o psicólogo uma inclinação ao modo de estar consigo próprio e com outro na clínica psicológica. Uma vez que o psicólogo questiona sua prática e os fundamentos da mesma, ele pode aperfeiçoar sua maneira de atuação, recursos, métodos e habilidades no processo clínico.

A noção de consciência intencional proposta por Husserl também nos permite perceber a correlação sujeito-objeto, homem-mundo da vida como elementos indissociáveis, diferentemente do modo que o positivismo conduzia suas realizações científicas, com cisão entre sujeito e objeto.

Assim, Husserl (1936/2008) ao expressar a noção de intencionalidade da consciência (que revela a ligação entre objeto e sujeito e não uma contraposição entre eles) nos permite também desenvolver questionamentos do modo como a Psicologia Clínica desenvolve-se, se com cisão aos fenômenos que se mostram ou numa relação dialógica para compreensão do vivido que se origina. Bem como justifica Feijoo (2010), se faz importante entender que “sujeitos e objetos correlatos caracterizam a consciência intencional” (p.36).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências são claras quanto ao fato de que a fenomenologia e a Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl são uma alternativa de compreensão do homem frente ao modo positivista de condução da ciência (com cisão entre sujeito e objeto), estabelece a noção de intencionalidade da consciência para resgatar a intersubjetividade constituinte do mundo da vida.

Nesse direcionamento, ao se preocupar também como se dá o processo de conhecimento dos fundamentos das coisas, Husserl engaja-se num movimento de construção de um método de suspensão da atitude científica natural. Para isso, Husserl estabelece o método fenomenológico e a atitude fenomenológica como um caminho de *retorno às coisas mesmas* a fim do alcance dos sentidos dos fenômenos em sua própria mostração.

Os fundamentos husserlianos traçam um caminho diferente das ciências que priorizam a tecnificação, o objetivismo e a quantificação da realidade. É necessário compreender que a proposta husserliana não se reduz a um psicologismo, fenomenismo ou subjetivismo já que apresenta um exercício rigoroso que resulta do método fenomenológico e do engajamento, graças ao movimento intencional da consciência do sujeito.

Para tanto consideramos que o exercício da consciência, pela redução psicológica, capacita a Psicologia Clínica no alcance da significação dos fenômenos, sempre constituídos num horizonte de sentidos. Nesse direcionamento, cabe afirmar que embora exista a redução possível pelo exercício da *epoché*, não significa a exclusão da alteridade entre sujeito e objeto.

Na sucinta apresentação da construção histórica do início da ciência psicológica, descrita neste trabalho, evidenciamos que uma hipótese que permeia os conflitos existentes nesta ciência decorre das diferenças epistemológicas, que alicerçam as distintas teorias que compõe o corpo teórico do que se denomina Psicologia. Paulatinamente, nós conseguimos evidenciar que as concepções que perpassam o desenvolvimento das ciências se ligam aos fundamentos construídos historicamente, a Psicologia Clínica é um dos campos que evolui também a partir desse movimento, já que toda sua construção vem apresentando reformulações dos seus princípios teóricos e práticos.

Embora ainda existam visões limitadas acerca da Psicologia Clínica, tais como a minimização desta como a prática de consultório ou atendimento individual para o tratamento de distúrbios, transtornos, problemas ou sintomas, afirmamos que é essencial nessa discussão a investigação dos fundamentos que constituem as atividades que se denominam como Psicologia Clínica.

A fenomenologia permite a atitude de inclinação do profissional psicólogo rumo à clarificação dos fundamentos de suas práticas e para tal, o exercício rigoroso proposto pela fenomenologia apresenta-se como um caminho possível de atuação e investigação em Psicologia Clínica.

REFERÊNCIAS

- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Bauru: EDUSC.
- Ales Bello, A. (2006). *Introdução à fenomenologia*. Bauru: Edusc. (Coleção Filosofia e Política).
- Ales Bello, A. (2014). Intrapessoal e Interpessoal: linhas gerais de uma antropologia filosófico-fenomenológica. In: SAVIAN FILHO, Juvenal (Org.). *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas*. São Paulo: Loyola, p. 9-28.
- Antunez, A. E. A. (2012). *Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: humanologia*. São Paulo. Retirado de <https://pt.scribd.com/document/288150373/Andres-Eduardo-Aguirre-Antunez-Perspectivas-Fenomenologicas-Em-Atendimentos-Clinicos-Humanologia>.
- Borba, J. M. P. (2010). A fenomenologia em Husserl. *Revista do NUFEN*, 2(2), 90-111. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Carneiro, S. F. B. (2011). Vivência comunitária em Edith Stein. *Kairós - Revista Acadêmica da Prainha*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 271-288, jul./dez. Retirado de <http://www.catolicadefortaleza.edu.br/wp-content/uploads/2013/12/08-Suzana-FilizolaViv%C3%Aancia-comunit%C3%A1ria-em-Edith-Stein-ok-pags.-271-a-288.pdf>.
- Cardoso, C. R. D; Massimi, M. Contribuições de Edith Stein para a fundamentação filosófica da psicologia científica. *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 188-199, jul./dez. Retirado de <http://www.ufjf.br/psicologiaempesquisa/files/2013/12/v7n2a06.pdf>.
- Cardoso, C. L; Silva, N. H. L. P. (2013). Contribuições da fenomenologia de Edith Stein para a atuação do psicólogo nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF). *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 246-259, jun.
- Conselho Federal De Psicologia – CFP (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Retirado de <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>.
- Dantas, J. (2014). *Tecnificação da vida: uma discussão sobre o fenômeno da medicalização na sociedade contemporânea*. Curitiba: Editora CRV.

- Dutra, E. (2004). Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 381-387. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a21v9n2.pdf>
- Freitas, J. L. (2018). Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. *Psicol. USP [online]*. 2018, vol.29, n.1, pp.50-57. Retirado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642018000100050&script=sci_abstract&tIng=pt.
- Fernandes, M. A. (2011). Do cuidado da fenomenologia à fenomenologia do cuidado. In: PEIXOTO, Adão José; HOLANDA, Adriano Furtado (Orgs.). *Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares*. Curitiba: Juruá, p. 17-32.
- Feijoo, A.M. (2010). *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial* (2a. ed.). Rio de Janeiro: IFEN.
- Gomes, W. B.; Castro, T. G. de. (2010). Clínica fenomenológica: do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 81-93. Retirado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000500007>
- Goto, T. A. (2012). Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de uma geografia fenomenológica, *Geograficidade*, 3(2), 33-48. Retirado de <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/102>
- Guimarães, A. (2010). Para uma teoria fenomenológica do Direito-I. *Cadernos EMARF, Fenomenologia e Direito*, 3(1), 1-12. Retirado de http://www.sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/para_uma_teorica_fenomenologica_do_direito.pdf
- Guimarães, A. (2012). O conceito de mundo da vida. *Cadernos EMARF, Fenomenologia e Direito*, 5(1), 29-45, 2012. Retirado de http://www.sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/o_conceito_de_mundo_da_vida.pdf.
- Holanda, A. (2014). Atitude fenomenológica e prática clínica. Em: A. Holanda, *Fenomenologia e Humanismo*. Curitiba: Juruá.
- Husserl, E. (2000). *A ideia da fenomenologia* (A. Morão, Trad.). Lisboa: Ed. 70. (Texto original publicado em 1907).
- Husserl, E. (1965) *A filosofia como ciência de rigor*. Prefácio de Joaquim de Carvalho. 2 ed. Atlântida: Coimbra. (Texto original publicado em 1965).
- Husserl, E. (2008). *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Tradução Urbano Zilles. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. (Texto original publicado em 1936).
- Husserl, E. (2009). A ingenuidade da ciência. *Scientiae Studia*, 7(4), 659-667. <https://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662009000400008>. (Texto original publicado em 1993).

- Husserl, E. (2012). *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (texto original publicado em 1976).
- Lima, L. (2011). A descrição, a redução e a interpretação na filosofia husserliana e suas utilizações no método fenomenológico. Em A. J. Peixoto; A. F. Holanda (Orgs.), *Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares* (pp. 93-101). Curitiba: Juruá.
- Moreira, V. (2010). Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 723-731. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n4/v15n4a07>
- Peres, S. P. (2013). O significado do pensamento fenomenológico de Stein à luz do desenvolvimento da concepção de psicologia em Husserl. In: MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (Orgs). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã Editora, p. 23-50.
- Silveira, A. (2010). *O sentido transcendental do outro na fenomenologia husserliana* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Retirado de <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/779>
- Tourinho, C. (2011). A crítica da fenomenologia de Husserl à visão positivista nas ciências humanas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(2), 131-136. Retirado de pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200003
- Trull, T. J.; Prinstein M. J. (2005). *Clinical Psychology: An Introduction* (8a. ed.). Belmont: Wadsworth.
- Titchener, E.B. (2010). Brentano e Wundt: Psicologia Empírica e Experimental. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(1), 97-103. Recuperado em 22 de março de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100013&lng=pt&tlng=pt
- Werneck, B. D., Filho. (2009). Fenomenologia como orientação filosófica para a psicologia clínica. *Psychiatry on line Brasil*, 14 (8) Retirado de <http://www.polbr.med.br/ano09/pcl0809.php>.

Nota sobre os autores:

Thayane Cristine Amaral Oliveira - Psicóloga, CRP 22/02000. Mestre em Psicologia (Clínica e Avaliação Psicológica - PPGPSI/UFMA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica - DEPSI-UFMA/CNPq. Psicóloga Programa Vira Vida - SESI/FIEMA. Possui interesse nos estudos sobre clínica, empatia e clínica de orientação fenomenológica.
e-mail: thayane.amaraloliveira@hotmail.com

Jean Marlos Pinheiro Borba - Psicólogo, CRP 22/00994. Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia PPGPSI/Mestrado em Psicologia - UFMA; Doutor em Psicologia Social - UERJ; Pós-doutor em Filosofia - IFCS/UFRJ. Líder do: Grupo de Estudos e Pesquisa em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica - GEPFPF e do Líder do Círculo de Estudos Husserlianos - CEH/DPG-CNPq. E-mail: jean.marlos@ufma.br

Recebido em: 08/06/2019

Aprovado em: 30/10/2019